



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## MENSAGEM DO SANTO PADRE

# PARTILHA FRATERNAL

Uma vez mais a Quaresma voltou, com os seus prementes apelos! Tempo que nos aproxima de Cristo, a Quaresma, através d'Ele, deve aproximar-nos uns dos outros. A Quaresma é um tempo de comunhão, o que também comporta um pôr dos bens em comum.

Nós todos ficamos impressionados com a descrição que nos faz o Livro dos Actos dos Apóstolos da vida comunitária da Igreja primitiva: «Todos os crentes viviam juntos e tinham tudo em comum».



(Act. 2, 44). E isso não era um meio artificial, excogitado para cimentar o coesão da jovem comunidade de Jerusalém; era, sim, e sobretudo, a expressão de «um só coração» (Act. 4, 32), que inspirava todos os gestos dos que acreditavam, e os unia entre si, sintonizados

no próprio coração de Jesus Cristo.

Um dos efeitos mais eloquentes desta unanimidade é mencionado pelo mesmo Livro dos Actos dos Apóstolos, ao dizer que se efectuava uma constante repartição de bens, conforme cada um necessitava. Deste modo, os primeiros cristãos puseram em prática espontaneamente o princípio segundo o qual os bens deste mundo são destinados pelo Criador à satisfação das necessidades de todos sem excepção. A partilha cristã traduz nas obras esta obrigação natural, que se tornou infinitamente mais exigitiva sob o impulso da caridade.

Compartilhar com os outros, portanto, é uma atitude cristã fundamental. Nas numerosas iniciativas para concretizar o amor do Próximo, desde a esmola e a prestação de serviços individuais até às contribuições colectivas para a promoção dos povos materialmente menos favorecidos, o cristão experimenta a alegria de repartir e gozar, em comum com os demais, de um património colocado generosamente por Deus à disposição de todos.

Já se disse algures que existe uma arte de dar e uma arte de receber; os cristãos não têm senão um termo para uma e outra: a partilha fraterna. Que a presente Quaresma nos faça pôr em prática uma tal partilha, como sinal de comunhão com todos os homens, todos eles chamados a participar do Mistério da Cruz e da Ressurreição de Cristo.

Ao iniciar-se este tempo forte, servindo-Nos da palavra de São Paulo aos primeiros cristãos, também Nós convidamos cada um dos fiéis da grande comunhão que é a Igreja Católica a «pôr de parte aquilo que tiver podido poupar» (cfr. 1 Cor. 16, 2), com espírito de penitência e de caridade, para o dar para a colecta comum. E a todos aqueles que se acham assim dispostos a repartir os próprios bens com os seus irmãos desprovidos do necessário, Nós os abençoamos, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

PAULO VI

# PRESENÇA

Seis meses de convivência com o Povo de Deus que peregrina em Angola motivaram os testemunhos saudáveis de Esperança que aqui fui trazendo.

O nosso Deus não é um deus longínquo, antes o Deus-connosco comprometido na História dos homens, que nEle tem a sua origem e o seu fim. Não que Se substitua ao Homem no desenrolar dos acontecimentos! Mas vela, providencia, tem o Seu papel e deixa aos homens o deles em liberdade autêntica. A Sua sabedoria e bondade sem fim garantem, da Sua parte, a impossibilidade de fracasso. Se este surge no drama da vida, é que os actores humanos falharam: ou não apanharam a deixa de Deus, que pode ser significada pelos sinais dos tempos; ou esqueceram o seu papel (se alguma vez fizeram por entendê-lo...); quando não mesmo o subverteram em cegueira do orgulho ou tentação de vaidade, arvorando-se ao lugar de protagonista, a salvadores da acção que só eles se julgam capazes de conduzir a um fim feliz.

Como Deus não falta; se o Homem é fiel, humilde, pondo tudo de que é capaz no que lhe compete fazer, sempre insatisfeito, que é a condição do verdadeiro progressismo — a vida no tempo não deixa de ser luta, com a Escritura ensina e a experiência confirma, mas a vitória é certa. Drama, sim; porém com um Fim feliz que o Autor não força porque é a consequência necessária das causas postas, quaisquer que sejam os acidentes do intermédio. Não recusamos o cientifismo!

Escrevi, pois, da alma do Povo: da vivacidade da sua Fé e da intemeridade do seu testemunho.

Mas a Igreja é Povo hierarquizado, como toda a sociedade organizada — como é a vida! De entre os homens, Deus suscita aqueles que hão-de consagrar-lhe a vida ao serviço do Homem agora e sempre, na sua caminhada terrena e na sua trajectória transcendente. É o sentido do sacerdócio. Foi a missão dos Apóstolos. É o dever dos Bispos.

Estes são os primeiros responsáveis na geração para a Fé e no crescimento dela ao longo da idade do Homem e no espaço onde ele existe. Missionários em extensão e místicos em profundidade, quais mestres de noviços até aos confins da alma de cada um. Pais, mestres, pastores e também eles caminheiros da mesma meta — pertence-lhes o cuidado de todos os homens do Homem todo desde que nasce até que transita à Eternidade. Só então tudo está consumado.

Por isso o seu zelo na manutenção da Fé e da intemeridade

Cont. na 4.ª pág.

## Ainda o segundo volume «DOCTRINA»

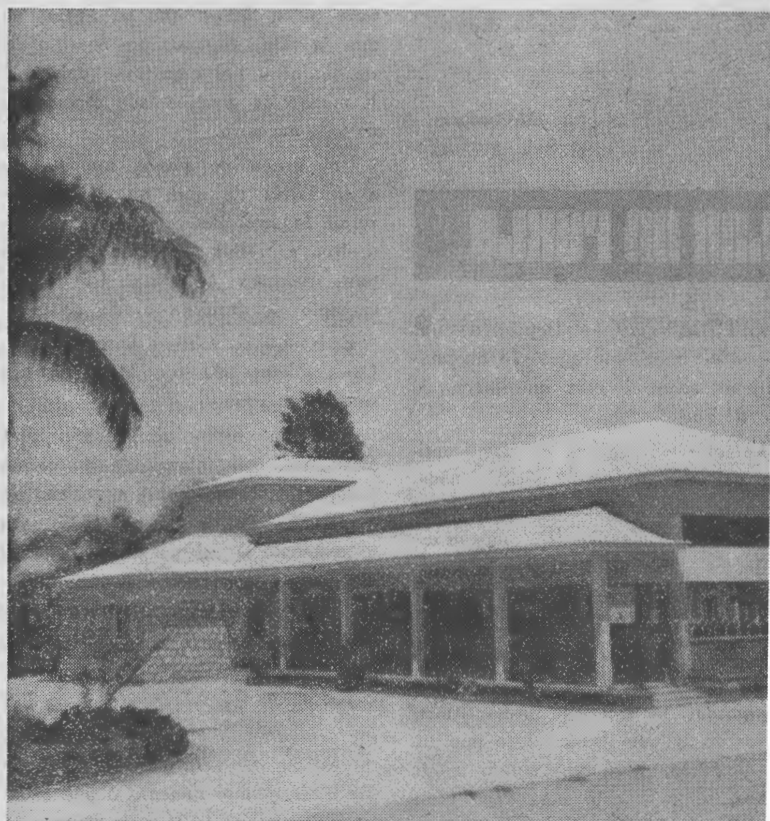
Os assinantes da nossa Editorial — já a caminho dos 6.000 — estão servidos do segundo volume DOCTRINA.

A última fase da expedição obrigou a um duplo esforço, pois houve que suprir carências sem prejuízo do trabalho normal, incluindo a expedição de O GAIATO.

Não demos fé de grandes rahadelas entre os Amigos forçados a esperar. Sim uma expectativa silenciosa, delicada, de quem lê O GAIATO com os olhos da alma — e sabe da nossa vida. É um pormenor que nos sensibiliza e não poderíamos deixar de acentuar.

No entanto, as malas de correspondência são volumosas! É toda uma correspondência riquíssima de conteúdo; e muitos pedidos de DOCTRINA, de todas as obras de Pai Américo e não só, pelos postais RSF e outras vias, provenientes dos quatro quadrantes onde labutam portugueses, que por temperamento são cidadãos do mundo.

Outro aspecto digno de nota: o crescente interesse de alguns pais conscientes e responsáveis, e quem diz pais diz famílias, em motivar os filhos para os livros da autoria de Pai



O salão de festas e biblioteca da Casa do Gaiato de Benguela

Cont. na 4.ª pág.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**INSTRUMENTOS MUSICAIS** — Como não temos ainda uma quantidade suficiente continuamos a nossa campanha de instrumentos.

Muitos amigos nossos têm correspondido, uns com grandes quantias, outros com menores, conforme as suas possibilidades.

De Lisboa, 1.000\$00 «para ajuda da aquisição de instrumentos musicais».

Mais 30\$00 da Amadora e estas bonitas palavras: «Para ajuda da compra de qualquer instrumento (que pena eu tenho de não poder dar mais, creiam)».

Nós acreditamos que, para si, estes 30\$00 sejam uma insignificância. Nós com muitos 30\$00...

De uma outra nossa amiga 50\$00, Segundo ela são «para uma cordinha de um dos vossos instrumentos musicais. É pouco mas de boa vontade».

Agradecemos ter-se lembrado de nós. Os 50\$00 não são nenhuma insignificância. Muitos 50\$00...

Oxalá não fiquemos por aqui. E mais ofertas ou instrumentos nos venham ter às mãos, que nós também não estamos parados.

Obrigado.

**CARNAVAL** — O nosso Carnaval é quase sempre a mesma coisa. Uns lembram-se de molhar os outros; outros mascaram-se com roupas grandes e velhas; outros ainda vão estudar ou ouvir música.

O dia estava óptimo e convidava à brincadeira. Até o Sabino, que é um rapaz de poucas brincadeiras, nesse dia deu «banho» a umas raparigas que passaram pelo nosso portão!

O «Batalhão» com uma «siringa» feita de canas e eu com uma «pistola de brincar» andámos ao molha; e quando ele me dava uma seringadela eu pregava-lhe três ou quatro porque a «arma» dele logo à primeira ficava sem água.

Foi um dia para alguns divertido, para outros...

«Marcelino»

## LAR DO PORTO

**ESTUDANTES** — Depois de uns meses de interregno aqui vão algumas notícias sobre a vida quotidiana do Lar do Porto.

Falando em matéria de notas obtidas por cada um no 1.º período, pode-se dizer que não foram satisfatórias: houve muitas negativas. De todos os estudantes apenas as de um terço foram positivas, o que mostra que alguma coisa vai mal. Estes resultados apenas nos dizem logo, a priori, que houve muita brincadeira, muito desinteresse, porque as negativas foram tiradas pelos do 1.º ano Unificado e por um do segundo, portanto rapazes ainda novos, sómente com uma vaga ideia daquilo que estão a fazer e do que lhes pode acontecer se continuarem a brincar. Apenas digo que tomaram

muitos estudantes terem as condições que nós possuímos para um bom estudo...

**COZINHA** — Este ano tivemos infelicidade quanto à escolha do cozinheiro: primeiro, com o «Violas» as coisas não correram bem e teve que ser substituído pelo Carlos (das Candeias), que não deu provas de poder engrenar na nossa vida quotidiana, estando agora o «Sete e Quinhentos». Vamos a ver se temos definitivamente um cozinheiro que nos agrada e não haja mais divergências.

**BARULHO** — Em Paço de Sousa a vida é feita com muito alarido. E como se vive a maior do tempo ao ar livre, há muitos berros. Ora quando vão para o Lar, alguns rapazes não estão bem mentalizados para o dia-a-dia no Porto; conseqüentemente, em casa, o barulho — segundo eles pensam tem prioridade! — não pode acontecer. Isto acontece de dia para dia em que eles vão mantendo aquela voz do manifestantes apatridários, apesar das observações que lhes são dirigidas minuto a minuto; daí, talvez o mau entendimento que se faz sentir entre quem pede silêncio e quem não executa o pedido. Mas, como «nada é impossível, tudo é relativo», daqui por uns tempos temos no Lar um ambiente de fraternidade e de ajuda mútua entre os estudantes, pois nós fomos para o Porto não só para estudar como também para nos educarmos uns aos outros, com a ajuda dos mais velhos e para nos mentalizarmos para uma vida futura.

Até breve.

ferência dará. É o que vale para a pobre mulher não desanimar por completo.»

Vamos levantar a casa da sra. Micas! Vamos dar àquela mulher um um pouco de conforto para o resto da vida. Ela que penou durante anos a fio — sem ter culpa — e chorou lágrimas de sangue. Somos testemunha.

E deixemos os prudentes do século argumentar. Pai Américo diria melhor, seria mais incisivo: «deixemos os mortos enterrar os mortos»...!

**PARTILHA** — Num sobrescrito d'algures 200\$00 e esta legenda: «Com um abraço muito amigo» — que retribuimos.

Vale do correio de Carcavelos, um «grão de areia» (50\$00) pedindo orações.

«Portuense qualquer» não falta. Aqui está:

«Junto 150\$00 para a vossa Conferência — esta a primeira migalha deste novo ano para esse fim — e peço ao Senhor aumente o meu desejo de repartir com os Irmãos mais necessitados uma parte do meu vencimento.»

Rua Quirino da Fonseca, Lisboa, 300\$00. Mais 100\$00 de Amélia, também da capital. Uma senhora doente, da rua do Bonjardim, Porto, 55\$00 pela mão do nosso «Cascais». Oportuna oferta de Estremoz, de quem

só pede «duas coisas: o anonimato e orações».

Agora, «Uma figueirense (sou da Figueira da Foz mas vivo há muitos anos em Coimbra)»:

«Junto 200\$00 em memória de minha Mãe, que faleceu em 4 de Novembro. Gostava que fossem para uns velhinhos que necessitem de auxílio. É pouco, mas, se Deus quiser, mandarei mais vezes. Peço orações por alma dela...»

Por fim, sossegamos um Anónimo, do Porto: os 5.000\$00 foram recebidos oportunamente, dando-se-lhe o destino que propunha.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Venda de O GAIATO por terras da Beira

**COIMBRA** — Olá amigos: vou aqui fazer um pequeno resumo da venda na cidade de Coimbra.

Somos actualmente 13 vendedores na cidade: Joãozinho, João Paulo, Vítor («Finote»), Toninho, Hipólito, Fernando, «Guido», Carlitos, Silvestre, Agostinho, Helder, Adelino e Alves («Godo»).

Vendemos 2.500 jornais e todas as pessoas nos recebem com grande amizade. Este ano vemos-nos aflitos, pois não temos horas livres para a venda, visto que todos temos aulas e aos sábados e domingos saem muitas pessoas da cidade.

Imaginem quando chegam os dias de vender a alegria que vai em todos nós, pois sabemos que vamos contactar com amigos que estão sempre prontos a receber-nos de braços abertos.

Eu vendo em Coimbra (e no Verão em Monte Real) há cerca de 5 anos. Sou o substituto do Manuel António e sou estudante. Despeço-me com um grande abraço para todos os leitores.

Joãozinho

são. Aqui me despeço com um grande abraço para todos.

Carlos Manuel («Saquinhas»)

**COVILHÃ** — Sou o Joaquim António e vendo na cidade da Covilhã mais o Vítor. Somos muito amigos e vendemos 300 jornais. Somos carpinteiros. Gosto muito de vender o nosso jornal e todas as pessoas são muito nossas amigas.

Agora vamos sempre de manhã na nossa carrinha e à noite voltamos para Casa. Vamos todos os vendedores da Beira Baixa. É só um dia e geralmente à segunda-feira.

Adeus a todos os Amigos, muitos beijinhos e um abraço.

Joaquim António

**CASTELO BRANCO** — Agora fala o João Paulo vendedor em Castelo Branco. Gosto muito da cidade. Vendo mais o meu companheiro Manuel António («Fininho»). Vendemos 300 jornais. Castelo Branco é uma cidade muito grande, e apesar de ser grande também é bonita e as pessoas recebem-nos com muito carinho.

O «Fininho» é carpinteiro e eu ando na quarta classe.

Muito beijinhos a todos.

João Paulo

Partimos de Casa muito cedo e tenho que estar à espera que abra o comércio e esperar que as pessoas se levantem para começar a vender.

Nesse dia falto à escola! Muitos beijinhos para todos.

Vitor Manuel («Finote»)

**FIGUEIRÓ DOS VINHOS** — Eu vendo em Figueiró dos Vinhos cerca de 60 jornais. É muito pouco, pois é uma terra grande e de gente boa.

Chego lá muito cedo e parto muito tarde: Tenho de esperar que as pessoas se levantem. Tratam-me muito bem, mas eu gostava de vender mais jornais.

Muitas saudades a todos.

Helder

**TOMAR** — Vendo nesta cidade de Tomar 500 jornais e arranjo perto de dois contos. Ando no 1.º ano e gosto muito de vender os jornais nesta cidade. Todas as pessoas são muito nossas amigas e tratam-nos muito bem. Tenho lá muitos amigos.

Beijo e abraço a todos.

Paulito

**LEIRIA** — Sou o vendedor na pequena, mas linda cidade de Leiria. O meu companheiro é o Chiquito Zé. Vendemos cerca de 560 jornais. Partimos de Coimbra sábado de manhã e o Chiquito regressa domingo e eu fico para segunda-feira para aviar os Bancos e as Caixas. Gosto muito de vender nesta cidade, onde tenho muitos amigos e onde já vendo O GAIATO há 5 anos. Sou estudante.

Para terminar quero abraçar todos os leitores, especialmente as gentes de Leiria que nos recebem sempre de abraços abertos e de boa vontade.

Jorge Calmeiro

**FUNDÃO** — Senhores leitores, daqui fala o «Saquinhas» vendedor de O GAIATO no Fundão. Eu gosto muito daquela vila e as pessoas recebem-me com muito carinho. Vendo 130 jornais.

Só vendo o jornal um dia, pois sou carpinteiro e gosto muito da profis-

«Fininho» é carpinteiro e eu ando na quarta classe.

Muito beijinhos a todos.

João Paulo

**PROENÇA-A-NOVA** — Eu, em Proença, vendo 100 jornais. As pessoas aceitam-me bem e com muito carinho. Costumo arranjar uma média de 400\$00.

Gostei muito de vender em Proença-a-Nova. É a sede do concelho de toda a minha família e também lá vivi no concelho (em Sobreira Formosa) quatro anos, depois de vir de Angola, onde nasci, até chegar à Casa do Gaiato onde ando na quarta classe.

Para todos os meus amiguinhos vai um beijo de muita gratidão.

Toninho

**SERTÁ** — Eu vendo na Sertá uns 120 jornais. É uma terra muito grande e bonita. É a terra onde gosto muito de vender.

LOUSA — Vendo também o jornal na Lousã com o Toninho. Lousã é uma vista muito bonita e também é grande. Vendemos, só de tarde, cerca de 170 jornais. Temos lá muitas pessoas amigas.

Muitos beijinhos para todos.

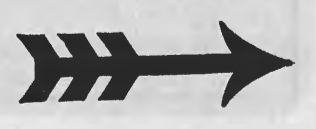
João Paulo

**MIRANDA DO CORVO** — Também vendo em Miranda do Corvo com o meu colega Toninho. Vendemos cerca de 110 jornais. Apesar de ser uma vila pequena vende-se bem.

É a terra onde vivemos e onde todos são nossos amigos. Só vendemos de tarde, pois de manhã temos escola. Há uma família que espera por nós para almoçar.

Quero agradecer a vossa amizade.

João Paulo



# Do que nós necessitamos

São donativos recebidos ainda na quadra natalícia, os que abaixo mencionamos. Todos eles portadores de amor, amizade e palavras amigas. Ei-los:

De Torres Vedras, 3.500\$. Maria Fernanda com 500\$. Avintes com 50\$. Por alma de Alcino Monteiro, 500\$. Outros 500\$ de Lisboa. Mais 100\$ de Tomar. Cheque de 2.500\$, de Minerolusa. «Velha amiga Salvadorensis» com 500\$. Vários pacotes de roupas, de algures. Mais 200\$ de Leiria. 1.000\$ de um grupo de funcionários do INATEL. De Maria Emília, 100\$. Do pessoal de escritório do Corte Inglês, Rio Tinto, 170\$. Cheque 5.000\$, de Cecílio Gonçalves & Fernandes, L. da. A presença anual de Arlindo de Sousa e um cheque de 10.000\$. De Paredes, cheque de 5.000\$. Das Telefonistas da Central Telefónica de Jovim-Gondomar, 2.000\$. Da Junta de Freguesia de Arcozelo, 5.000\$; mais 6.000\$ de Lisboa para ajuda da offset. 500\$ de Valadares. 1.000\$ de Augusto. De L. F. S. A. L., 100\$. Mais 100\$ de Maria Alice. Igual quantia de Quitéria. 200\$ do Porto. Ass. 19649, com 100\$. De Oliveira do Douro, e pelas intenções da Família de Eduardo da Costa Santos, residente na América do Norte, 100\$.

Roupas de criança, de Santo Tirso. 200\$ de Vila Moreira. Cento e cinquenta escudos de Ilhavo. E 50\$ de Avintes. Mais

1.000\$ de Vila Franca de Xira. Aguada de Cima, 100\$. Um corte de tecido de Odiveelas. 500\$ de Lisboa. 150\$ de Minde. Da família Santos, residente em Genève-Suíça, 500\$. Duma família muita amiga, 200\$. Do Porto, 100\$. Da nossa recoveira do Bairro da Pasteleira, 1.540\$. «Grande amiga» com 250\$. Maria da Saúde com 200\$ por uma graça recebida. Rosalina e Noémia 150\$. E um cheque de 20 contos sufragando a alma de Maria Alves da Rocha.

Vila Nova de Gaia:

«Junto envio um cheque sobre a Caixa Geral de Depósitos, no valor de 1.280\$00, importância que me foi entregue na Repartição onde trabalho, por duas pessoas que a encontraram no átrio.

Como até hoje ninguém a reclamou e as pessoas que me confiaram nada disseram, penso que não encontraria melhor destino que vo-la enviar para a empregades no que achardes mais útil. Penso que se assim se procedesse em todos os casos em que se perde dinheiro, talvez as pessoas que o perdem não ficassem com tanta pena, por saberem que seria bem empregue.

O vosso amigo de longa data...»

Mais uma presença que, nesta quadra, não costuma faltar: são os funcionários da Caixa Têxtil com 7.500\$. De Tomar,

150\$. Maria Luisa com 100\$. E 5.000\$ da Comissão do Nicho de Nossa Senhora Auxiliadora do Mercado do Bom Sucesso. E 2.000\$, donativo de Natal, da Electricidade de Portugal. Mais 250\$ de Aveiro. De Beatriz Ferreira, 500\$. Da família Costa Ramos, muita amizade e 3.600\$. Por alma de José Coelho Pereira da Silva, 100\$. De uma Mãe que pede orações pelos seus filhos, 50\$. De Alcobaca, um vale de 10.000\$ para a offset. Uma encomenda de 30 quilos de concentrado de tomate da Saipol. Vale de 1.000\$, de «uma alma angustiada». De Murça, 200\$. Mais 500\$ do Porto. Por alma de António Manuel, 1.500\$. Cheque de 400\$, produto duma cotização de alguns empregados da Compa-

nhia de Seguros Ourique. Mi-galhinha de 150\$, do antigo gaiato Luís de Carvalho. Os 100\$ de todos os meses, da Amadora, em selos do correio.

De Gaia, «uma bisavó agradecida» com 500\$ e 3 camisolas. Cem escudos do Porto. De Paços de Brandão, 500\$. De Castelo Branco: «Envio 100\$ para que no coração dos nossos gaiatos cada dia seja um dia de Natal». Para terminar, duas quadras de Gaia, de um anónimo:

«Já dizia o vosso Pai,  
Que não há rapazes maus,  
E por isso aqui vai,  
Uma nota de cem Paus.

Porém, vos digo,  
Faço-o sem pressa,  
Sou vosso Amigo,  
Meu nome não interessa.»

Para todos, o nosso agradecimento.

Manuel Pinto

## Aqui, Lisboa!

Números chegados ao nosso conhecimento informam que 40% do total da construção realizada no País se processa clandestinamente. Admitindo, embora, que a percentagem indicada possa pecar por defeito, não há dúvida, porém, que atinge profunda gravidade aquilo que se passa entre nós, com tendência para o empolamento, se não forem tomadas providências adequadas e corajosas. Infelizmente, a construção ilegal parece ser o recurso para evitar situações catastróficas no plano social, pelo que até parecem ser perfeitadas pelos organismos responsáveis.

Construir sem planos, ao simples arbítrio de cada um, é voltar aos tempos de antanho, prejudicando seriamente o erário público e incrementando a degradação urbanística. Sem esgotos, água e luz projectadas, os aglomerados assim surgidos, de ruas estreitas e tortuosas, virão a exigir dos poderes oficiais, mais tarde ou mais cedo, o recurso a importantes verbas de saneamento e de urbanização, à laia de remendos novos em roupa velha. E o que nasce torto — diz o Povo — dificilmente se endireita... Por outro lado, as habitações clandestinas raramente oferecem condições de salubridade. Dimensões parcas, em superfície e altura, ausência de casas de banho capazes, falta de escoante para as águas das chuvas e sujas, inquinamento de poços e falta de água, etc. trarão necessariamente sérias questões sanitárias e outras.

Fala-se em política de solos, mas não cremos que se tenha legislado até agora de forma a pôr terrenos em condições económicas ao dispor da iniciativa privada e das cooperativas de construção. Pertencendo a estas, segundo as fontes de que dispomos, 50% da construção global, fácil é concluir, em função de aspec-

tos já aqui equacionados, que esse valor tem tendência para baixar acentuadamente. Conseguida a própria habitação, ninguém estará disposto a investir neste sector, dado o elevado preço do dinheiro e a carestia de mão d'obra e dos materiais. Isto sem considerar outros aspectos, aliás pertinentes. Pôr o dinheiro nos bancos ou aplicá-lo onde possa render juros ou taxas elevadas, é mais cómodo e seguro. Não se corre, ao menos, o risco de ver ocupados o andar ou a casa edificadas ou compradas à custa de muitos sacrifícios e renúncias.

A burocracia, repetimos, antiquilosa e inibidora, é outro aspecto essencial a considerar. Que o digam muitos auto-construtores e as empresas do ramo. Por via disso, muitos se dedicam à construção clandestina, geralmente em terrenos pertencentes à Comunidade, Estado ou Autarquias, para depois especularem na sua venda ou nas rendas. E para a construção clandestina não há que subir e descer escadas, minutar requerimentos, apresentar projectos, pagar licenças e suportar outros encargos.

Importa ao Estado e às Câmaras Municipais urbanizar e pôr ao serviço dos potenciais construtores locais adequados, simplificar os processos, conceder estímulos, como, por exemplo, isenções fiscais e empréstimos baratos. Por outro lado, arrojadamente, deverão as entidades oficiais levar a cabo larga e efectiva construção social, destinada sobretudo às camadas pobres.

Não somos técnicos ou especialistas para descermos ao pomenor, nem isso é do nosso mister. As considerações que aqui fazemos, ao correr da pena, mais não querem formular do que um apelo sério e fundamentado para que se encarem os problemas e se resolvam as situações angustiosas de muitos milhares de irmãos

# RETALHOS

● Sábado passado. Noite muito fria. O programa de Televisão não interessava aos mais novos. (Ainda a leste da poetica.) Passado pouco do jantar para a cama. O calor de cobertores convidava. Passa pela casa deles, faziam os preparativos para a deita. Menus.

— Carlitos porque não deitas e andas com a vassoura ao ombro?

— Vou fazer a limpeza do balneário.

Sereno, sorridente, lá se meteu pela noite a cumprir sua obrigação. Fiquei comovido. Quantos meninos a quem não falta, não suportam qualquer contrariedade. Se queixam por ninharias. Se sentem infelicidade tendo tudo (nestes casos quem será a culpa?).

O nosso Carlitos não se dá a abater por pouco. O frio apertava, mas ele de vassoura ao ombro lá ia contribuir para o bem da Comunidade.

● Um pequeno grupo de nossos rapazes foi a Castro Daire fazer uma Festa.

Partiram domingo de manhã após a Missa. Iam fazer a Festa, passear, contentes. Pelo caminho viram a serra de Montemuro iluminada por um sol radiante. Sentiram-se livres e felizes no meio daquela beleza grandiosa. Chegaram ao Salão dos Bombeiros já em cima da hora. Não havia tempo a perder. Com calma, mas eficientemente, todos colaboraram; e em tempo record o plano pôde ser aberto e começaram as cantigas. Grande animação e alegria uniu o palco à plateia.

Ao fim, convívio, mais música, mais saltos. Despediu Troca de direcções.

No dia seguinte, cartas pelas miúdas. A nossa malta não quer perder tempo.

Cont. na 4.ª pág.

FIGUEIRA DA FOZ — Eu sou vendedor de O GAIATO na linda cidade da Figueira, uma terra de pessoa, de férias na praia e de alegria, onde gosto de vender. Sou estudante.

Comecei a ser vendedor nesta linda cidade há dois anos, começando por vender poucos jornais por ainda não conhecer a cidade e não estar habituado ao ambiente. Agora, que já o conheço melhor, vendo 150. Isto só no Inverno, pois no Verão é outra coisa.

Quando chega o dia da venda o meu coração enche-se de alegria para ir ter com os nossos Amigos.

Vou ficar por aqui com um grande abraço para os caros leitores.

José de Oliveira Alves («Godor»)

CANTANHEDE — Caros amigos, eu vos escrevo com grande amizade. Sou também vendedor em Cantanhede e gosto muito de espalhar o amor entre irmãos que todos somos.

Quando vou sózinho e só de tarde, pois de manhã tenho aulas, vendo 130 jornais.

Em Cantanhede sou recebido com grande alegria e as pessoas quando lêem o nosso jornal ficam satisfeitas.

Boa sorte e muitos abraços do

«Guido»

MEALHADA — Vendo nesta vila, só de tarde, 40 jornais e gosto muito das pessoas da Mealhada, pois todos se mostram nossos amigos.

Agradeço a todos. Muitos beijinhos.

Paulito

ANADIA — Eu e o Fernando vendemos só um pouco à tarde, pois temos aulas.

As pessoas dão-nos muitos carinhos e são muito amigas.

A nossa gratidão e beijamos e abraçamos a todos.

Adelino

POMBAL E CEIRA — Sou o Dias, natural da Covilhã.

Sou vendedor em Pombal e Ceira. É pouco tempo de venda. Em ambas as terras tenho muitos amigos e eu gosto muito de ter amigos.

Muito obrigado e um abraço e um beijo para todos.

Dias

GONDEIXA — Sou o Carlitos. Sou também vendedor em Condeixa. Nesta vila vendo 50 jornais e tenho muitos amigos; um deles costuma oferecer-me o almoço. Tenho aulas de manhã e depois vou à boleia para Santa Clara. No fim volto à boleia para Coimbra. Gosto muito de Condeixa. Mando muito beijinhos para todos os Amigos.

Carlitos

P. S. — Se eu soubesse escrever havia de fazer um poema de louvor e gratidão, em união com a alegria dos nossos pequenos vendedores, a todos os Amigos que nos abrem os braços e nos recebem.

Agradecer o pão que nos veio pelos 527.871\$60 que os nossos trouxeram da venda de O GAIATO em 1977. Pão fruto do trabalho e do amor no repartir.

Padre Horácio

Villa Nova de Gaia:

«Para o DOCTRINA, que já recebi, remeti hoje um vale do correio. Muito obrigado.

Gostaria de ter mandado mais, mas os meus recursos não são muito famosos. Famoso é, de facto, o livro que li de um fôlego. Já o emprestei a uma colega. Certamente lhe irá fazer tanto bem como a mim. Faz-nos parar uns momentos para meditação. Para repensar. Os olhos humedecem, mas a alegria desce ao coração.

Os meus cumprimentos e o pedido de uma prece para que o Senhor aumente a nossa fé...»

Hoje ficamos por aqui.

Júlio Mendes

Cont. da 1.ª pág.

Américo. É uma acção magnífica, oportuna!

Senhora amiga, de Aveiro, requisita a colecção completa: «Quero oferecê-la a minha filha». E justifica: «Muito devo à Obra da Rua! Nela tenho aprendido tudo o que de bom em mim existe. Que Deus ajude a todos a continuá-la». A sua pedra angular é Jesus de Nazaré.

Villa Nova de Gaia:

«Como tenho três filhos gostava que me mandassem os livros que forem saindo (não tenho ainda nenhum dessa Editorial) em triplicado.»

Aquele professor amigo, da capital, já deu as primeiras notícias, que a apreciação de fundo virá a seu tempo, como habitualmente. Ouçamos:

«Recebi o DOCTRINA. Irá uma palavrinha quando o saborear gulosamente numas férias, como tenho por hábito. Faça dele um hors d'oeuvre es-

piritual. Até lá sou obrigado a deixar crescer, apenas, água na boca.

Junto um cheque que distribuirão segundo o critério das vossas prioridades de momento.

Segue também mais um cheque de senhora amiga, moradora e visita do mesmo prédio, que deseja passar a assinante por ter lido algumas vezes, cá em casa, O GAIATO. Não coleciono os jornais, porque, de propósito, depois de lidos, os deixo no Liceu ou em lugares públicos, riscando previamente o endereço. Está assinatura é o primeiro fruto, que conheço, desta «escondida» propaganda, embora, neste caso, não resulte de deixá-lo em lugar público. Mas também não se deve a qualquer insistência minha. Oxalá que a semente, agora frutificada, vá dar lugar a mais germinações.»

Uma jovem de Atouguia da Baleia:

«Recebi o DOCTRINA que agradeço. Foi agradável saber

que não me tinham esquecido; eu que devido ao tempo escolar e preguiça já não me lembrava muito bem da vossa Casa.

Comecei a receber O GAIATO quando andava na Primária. Hoje ando no 4.º ano e o meu interesse pelas vossas notícias não diminuiu, mas realmente muito má foi a minha acção: há tanto tempo que não vos escrevo!

Envio um vale com uma pequena quantia. Devido à situação actual não me é possível enviar mais. De qualquer modo, penso que é melhor que nada.

Compadeco-me tanto da po-

breza que há por toda a parte que, se me deixassem, todo o dinheiro de que dispusesse seria para atenuar um pouco o sofrimento que essa pobre gente tem, apesar de serem os mais juntos a Deus.»

Presença de Coimbra, onde Pai Américo tarimbou:

«O DOCTRINA é um livro sempre actual que faz pensar e despertar os corações adormecidos, como só Pai Américo seria capaz de nos dar.

## Presença

Cont. da 1.ª pág.

do seu testemunho, sobretudo quando as vicissitudes do tempo constituem o Povo em risco de perigo! Perigos de fora: a confusão das ideias, a violação das liberdades essenciais, a miséria... E perigos de dentro: todos que brotam da humana fragilidade. Quantos serão capazes de heroísmo em tempo de violência?!

Não será, portanto, de estranhar — e com certeza o não farão aqueles que tantas vezes têm acusado Episcopados pelo seu silêncio, e com alguma razão! — que os Bispos de Angola tenham levantado a voz, «solidários com o Povo nas suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias», (...) «para uma reflexão cristã sobre os factos que ocorrem nas novas condições sócio-políticas» do seu País, «que trouxeram ao martirizado Povo mais sofrimentos, apreensões e incertezas».

Esta reflexão deriva do seu dever pastoral: «Com efeito — dizem — de todos os lados continuam a chegar-nos inúmeras interrogações e a própria sociedade cristã nos interpela à

## RETALHOS

Cont. da 3.ª pág.

● O Marcelino tem-me dado conta da correspondência de muitos dos nossos leitores, ao seu pedido de ajuda na compra de instrumentos musicais. Apenas acrescento que os nossos músicos, e pretendentes a tal, estão a merecer essa ajuda. A maior parte deles trabalha durante o dia nas nossas oficinas e frequenta à noite o Liceu em Penafiel. Durante a semana não têm um minuto livre, mas nos fins-de-semana não têm deixado de aproveitar o tempo nos ensaios. Por isso ficarei contente se vir continuar a chegar a vossa ajuda.

Padre Duarte

Padre Abel

procura de orientações para preservar a sua fé em Deus, cuja existência é para nós como o sol que ilumina o cenário ilimitado do universo: «a luz verdadeira que ilumina todo o homem (Jo. 1/9)».

(...) «A isso nos incita o Concílio Vaticano II: «Dirigida pelo Espírito Santo, a Igreja, nossa Mãe, exorta sem cessar os seus filhos à purificação e renovação, para que o sinal de Cristo brilhe com mais clareza sobre o rosto da Igreja.»

«A nós, pastores, o mesmo Concílio diz: — Os Bispos, que receberam a missão de gover-

nar a Igreja de Deus, puguem, juntamente com os sacerdotes, a mensagem de Cristo, de tal sorte que todas as actividades terrenas dos fiéis sejam inundadas pela luz do Evangelho.»

Assim introduzem os Bispos de Angola a sua recente Pastoral, documento magnífico de presença da Igreja ao Homem, agora e para sempre.

Esperamos acompanhá-los nesta corajosa reflexão em que, por mais de um título — cristãos e portugueses — nos consideramos comprometidos.

Padre Carlos

## Lar Operário de Lamego

Os temas das nossas crónicas são quase sempre do mesmo teor. É sempre o Mandamento Novo. É sempre o resumo de toda a Lei. É sempre a preocupação pelos que precisam da nossa presença. Muitos me têm feito companhia, como peregrinos, àquela povoação que tem carências de toda a espécie. Uma delas, talvez a maior, é que muitas vezes até julgam que tudo está bem. Viver com um mínimo de condições humanas, para alguns não conta. Dormir numa cama limpa, ou passar a noite sentado numa pedra, tem pouca diferença. Frequentar a escola, ou deixar os filhos em completo à vontade, é uma questão de pagar ou não multa. Ter uma família dignamente constituída ou fazer desporto com o amor livre, são coisas em que ninguém repara. Aprovar situações reconhecidas como ilegítimas, está no espírito dos que consideramos mais evoluídos. A lei só vale, ou só existe, diante da autoridade que é capaz de castigar. Se umas vezes sentimos vontade de lhes dar pão, ou melhorar a casa onde vivem, é nossa maior aflicção não lhes poder criar condições em que possam ter um mínimo de formação humana, social e religiosa. Não posso dizer que é sonho, ou poesia, querer para ali uma assistente social ou uma educadora rural. Algumas diligências se começaram a fazer, mas esbarramos com a pergunta: quem lhe paga?

A nossa luta vai continuar até ao dia em que isto seja possível. Acreditamos que o nosso esforço dê algum resultado. Alertar pode ser começar. Temos convidado pequenos grupos de jovens e menos jovens, a deslocar-se a centros de qualquer espécie de forma-

ção. As despesas não podem ser de conta deles; ou não têm dinheiro ou, se existe, «não se pode gastar nestas coisas que não dão pão» como eles vulgarmente afirmam.

Ultimamente, entusiásmamos um rapaz para aprender a barbeiro. Custa-nos ver o percurso de 20 quilómetros feito por crianças ou por pessoas idosas para aproveitar os serviços duma barbearia. Prometemos fazer todas as despesas. Já estamos a pensar, depois, conseguir o local de trabalho e os objectos indispensáveis. Ninguém pode dizer que isto é sonhar alto. É sim uma revolução de interesse pelo bem duma comunidade, na esperança de levantar o nível de viver, de pensar e de proceder. E, desta vez, o meu apelo — volto a repetir — não é ajuda para lhes dar pão, mas tudo o que for possível para lhes comunicar entusiasmo que questione e apresente novos ideais; que desperte energias e que empurre e provoque. Desta vez é oferecer sorrisos que alegrem; é preparar terreno onde a vida, autenticamente humana, possa brotar, florescer e dar fruto. Precisamos de abrir o nosso coração a estes nossos Irmãos, fazer-nos prontos para abrir também as nossas mãos e oferecer o que temos. É verdade a afirmação de que há muitas espécies de fome. Tornemo-nos migalhas que todos possam comer. Tnhamos vontade de saciar a fome daqueles famintos que nos procuram (?) para se tornarem melhores e mais felizes. Tenhamos vontade de servir e dar felicidade a quem nos encontrar. Neste momento ando em busca de ti para juntos darmos as mãos a favor daquela comunidade.

### RETALHOS DE VIDA

## O BESSA



Chamo-me Bessa. Tenho 14 anos de idade. Sou da Obra da Rua.

Quando tinha dois anos, minha mãe deixou meu pai! Meu pai notou que eu não podia ficar só e levou-me a casa da minha tia e lá vivi até aos doze anos.

Sai de lá com os meus doze anos, em que segui para a Casa do Gaiato de Benguela.

Sou natural de Luanda. Estou na Obra da Rua há dois anos. Sou um jovem carpinteiro. Na carpintaria não só eu trabalho, mas também vários colegas meus. Trabalho, mas também estudo.

Por agora é tudo.

Bessa

**Gaiato**

Director: Padre Carlos      Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa